

dido a comicidade da expedição. Relatando, á côrte portugueza, a volta das tropas, affirmou que, "depois de fazerem o seu passeio com todas as regras da tactica, se haviam recolhido por não ser propria a estação, produzindo, apesar disso, o passeio um grande effeito moral".

O Nicoláo pôde saber, em vida, a extensão e a gravidade da sua pilheria.

O coronel João Paulo Carneiro, annos depois, prendeu-o e trancou-o numa prisão perpetua.

Que respeitavel toupeira devia ter sido aquelle d. Fernando Antonio de Noronha!

ENTRE O LUSO E O HOLLANDEZ...

Ha, no Brasil, o velho habito de prantear-se o mallogro da colonização flamenga e de attribuir-se ao portuguez os defeitos e os males da nossa organização.

— Se os holandezes tivessem ficado em Pernambuco, ah! outros gallos nos cantariam! exclamam os nossos homens.

E, até espiritos de larga responsabilidade e de incontestaveis virtudes de analyse, se têm deixado levar pela onda, affirmando que seriamos outro povo, de outro cunho moral, de outra vitalidade progressista, se a Hollanda predominasse nas suas conquistas americanas.

Teria realmente o Brasil perdido com a colonização portugueza? Teria ganho muito mais com o dominio hollandez?

A resposta não se pode dar em duas ou tres palavras.

Quando a gente, ao estender os olhos por esse immenso territorio de mais de 8 milhões de kilometros quadrados, sabe que tudo é obra rude do portuguez, parece não haver razão para maldizer a conquista lusa e para lamentar que os batavos tivessem malogrado.

Mas, pôde haver, nesse juízo, algumas doses de sentimentalismo. E' melhor analysar a questão com serenidade historica.

Diante da historia, o dominio hollandez, no Brasil, foi um desastre, ou melhor, a triste revelação da incapacidade da Hollanda como paiz colonizador.

Entre o portuguez e o flamengo, dos tempos coloniaes, a differença era profunda. O primeiro, ao pisar em terras brasileiras, vinha preparado para a grande missão de formador de povos, o segundo apenas ensaiava, com desassombro, os arrojões da pirataria.

Portugal veio ao Brasil para colonizar. A Hollanda entrou-nos pelas terras carregando, ás costas, o cofre de uma empresa mercantil.

No espirito do primeiro havia, com toda a sua rudez, o impulso de expansão; no outro, com toda a sua cultura e todos os rasgos progressistas, havia apenas a frieza do lucro.

Ha, na corrente que eleva o colonizador flamengo, um grave erro de visão. E' que se quer julgar o hollandez pelo que elle é na Hollanda. Na Hollanda, o hollandez é grande. Não foi só uma civilização que construiu: fez esta coisa virgem na historia do mundo — edificou um solo.

Mas, fóra de lá, é pequenino e mesquinho. Atirando-se á aventura de conquistar territorios, não conseguiu outras virtudes sinão a do ganho. Sendo, até hoje, um povo colonizador, até hoje não deu, ao mundo, uma nacionalidade formada, como Portugal deu o Brasil, como

a Inglaterra deu os Estados Unidos, como a Espanha deu as Republicas da America.

No ponto de vista moral; no ponto de vista politico, no ponto de vista social, as suas colonias são, hoje, o que eram nos primeiros dias do dominio — uma vasta seara que a metropole explora intelligente e tranquillamente. Não se conhece uma nação formada e educada pela Hollanda.

Com Portugal é justamente o contrario. Dentro da terra natal o portuguez não é grande. Ha nelle a necessidade de alargar os braços, de desafogar o peito nas lutas heroicas do mar e dos continentes longinquos. Mal perde de vista os horizontes nativos transforma-se em titan: vem para a historia como o devassador de oceanos, desbravador de terras incultas e formador de povos. Com quatro ou cinco calhambeques domina a immensidão das Indias, com um punhado de homens consegue impôr-se na vasta costa brasileira e em todo o perfil do littoral da Africa.

Pondo em confronto os dois povos, as qualidades innatas de cada um, parece não haver motivos para chorarmos a ruina dos flamengos.

Nada perdemos em ter perdido o hollandez.

E basta lançarmos um rapido olhar sobre a dominação neerlandeza no Brasil.

Os apaixonados da Hollanda trazem sempre á luz aquelle maravilhoso tempo de Nassau.

E' realmente impressionante. Ninguém poderá negar a grandeza e o esplendor daquella época. Ninguém poderá affirmar que Portugal, no seculo XVII, tivesse

conseguido, em Pernambuco ou em qualquer outra capitania, uma phase igual áquella.

Mas é preciso distinguir os factos. Pernambuco teve sempre, com os hollandezes, aquelle esplendor, ou qualquer coisa que, com aquillo, se parecesse? Não.

A conquista flamenga, no Brasil, teve tres periodos distinctos: o anterior a Nassau, o de Nassau e o que se seguiu á retirada daquelle principe.

No primeiro periodo quasi se não podem pedir contas ao hollandez. Nada poudes elle fazer, porque, durante cinco annos, viveu acossado pela resistencia formidavel dos patriotas do Arraial de Bom Jesus. Dizia-se sitiante, mas, na verdade, era sitiado. Mas, mesmo nesse periodo em que não poudes mostrar qualidades, teve a pouca intelligencia de mostrar os defeitos. Apresentam-se, diante do povo brasileiro, como piratas insaciaveis; mostram-se, aos olhos de uma população catholica, como intolerantes em materia religiosa e profanadores de templos. Aterraram as suas conquistas pelo excesso de crueldade com os vencidos.

O segundo periodo é simplesmente admiravel. Nassau é um grande espirito, um grande politico e uma grande generosidade. A paz solidifica-se. A alma do principe anda em toda parte como uma asa branca. A lavoura reflorece; a tranquillidade implanta-se; tudo caminha e avança alacremen-te. Pernambuco progride da noite para o dia. Nada-se em ouro; renasce o commercio; revive a confiança; restaura-se a justiça.

O principe vae buscar os proprios guerreiros do Arraial de Bom Jesus, aquelles que mais combateram a Hol-

landa, para sental-os á sua mesa. E' a grandeza, é o esplendor, é a paz.

E depois de Nassau? Volta-se ao periodo das crueldades, a justiça empana-se, o commercio vive ao sabor da avidez horrivel da Companhia das Indias Occidentaes, sobem os impostos. E' o desenfreno enfim. Mal o principe se some na curva do mar, tudo muda: os prepostos da companhia revelam-se os mercadores que sempre foram, mas que o prestigio moral de Nassau tolhia: a população assombra-se diante de tanta ganancia hollandeza; volta-se á intolerancia religiosa; a indisciplina campeia na tropa; a venalidade corrompe o functionalismo civil; perseguem-se os lavradores; confiscam-se os engenhos. A liberdade desaparece completamente. As populações fogem e o espirito de revolta, que o principe conseguira apagar, desperta e deflagra.

Diante de tudo isso, poder-se-á dizer que, a maravilhosa quadra de esplendor de Pernambuco, se deve ao povo hollandez? Não. Devemol-a a um homem e não a um povo, a um homem excepcional que o accaso fez a Hollanda possuir naquella interessante phase historica.

E, tanto é a um homem e não a um povo, que, mal Nassau se retirou de Pernambuco, tudo que havia de grande desapareceu.

O povo hollandez não teve forças para susten-ter nos hombros tão largo e bello legado. Não havia nascido para missão tão alta.

E a missão do hollandez, no Brasil, não foi outra senão aquella por elle mostrada, ruidosamente, depois da retirada do principe — mercadejar.

A Companhia da Indias Occidentaes só via, no Brasil, uma boa estrada para um rendoso salteio. E tanto fez, que desgostou Nassau, unicamente porque Nassau vira Pernambuco, não através do prisma de um commerciante, mas com olhos de estadista e de homem d'arte. A companhia nunca perdoou ao principe o dinheiro gasto em obras, no Recife. Muito se zombou dos palacios erigidos pelo gosto artistico de Nassau, na capital pernambucana.

Pela alma da Hollanda nunca passou a mais vaga intenção de formar um povo no Brasil. A Companhia foi organizada apenas para explorar o povo do Brasil.

E a impressão trazida através da historia é uma impressão dolorosa. Nos menores movimentos do povo hollandez, em Pernambuco, sente-se a pressa de arrebatar e de arrecadar, o mais rapidamente possível, como uma scena de roubo. Parece que a gente flamenga não tinha a consciencia do seu dominio. Tem-se a sensação de que a sua consciencia era a de haver um dono maior do que ella e, que, esse dono, de um momento para o outro, a alijaria.

O povo hollandez nunca amou um só pedaço do Brasil. Uma das accusações atiradas a Nassau, pelos seus compatriotas, é de que elle "construia palacios em terra alheia".

Sómente o espirito mercantil dominava.

E, affirmar-se isso, não é infamar as intenções neerlandezas. E' o proprio Nassau quem assim se exprime, no seu celebre *Testamento politico*, quando diz que os

compatriotas "amavam os bens de fortuna mais do que a propria vida".

A colonização flamenga falhou em todos os sentidos. A incapacidade hollandeza patenteou-se em todas as modalidades.

O portuguez colonizou o Brasil com a sua proverbial rudez. Foi aspero e muitas vezes cruel. Mas o flamengo teve todas aquellas crueldades e mais a intolancia e mais o espirito do ganho que devastava tudo.

Não ha, na colonização portugueza do Brasil, uma pagina tão negra como a da historia de Pernambuco hollandez, após a retirada de Nassau. Quanto á moralidade, é confrangedora. Os empregados da Companhia vendem-se miseravelmente, a justiça anda em leilão, os lares são profanados, sem que a gente tenha a quem se queixar.

Os successores do principe roubam tanto que são levados á Hollanda sob a carga de processos.

Nem para solucionar as crises financeiras, a Hollanda mostrou capacidade. Quando a situação se tornou difficil, a medida genial tomada pelo Conselho dos Dezenove não foi senão esta coisa vulgarissima: augmentar incrivelmente os impostos e arrecadar os atrasados.

Foi uma época tremenda na terra pernambucana; os engenhos eram despejados e vendidos, para poder se-guir dinheiro para a Hollanda; a miseria campeava em todas as regiões laboriosas do Brasil hollandez.

A tal liberdade do commercio que, segundo se diz, era o motivo das conquistas flamengas na America, nunca passou de uma burla. Só houve liberdade de commercio no tempo de Nassau. O que depois existiu foi o

monopolio official, mais perro e mais duro que o monopolio estabelecido pela Espanha.

O contraste entre os dois povos — o portuguez e o flamengo — revela-se a todo o instante, na historia.

O portuguez, ao vir para o Brasil, vinha estabelecer-se e morar. O flamengo apenas aqui esteve — para ganhar.

E dahi, os movimentos expansivos de um e a acção restricta e mesquinha de outro.

Ao chegar ao Brasil, o primeiro gesto do portuguez era estender-se pelo interior.

A linha do littoral parece pequena para o seu arroj. E esse movimento de expansão, encontramos logo nos primeiros dias coloniaes. Ao aportar ao Rio em 1531, Martim Affonso de Souza, antes de desembarcar a bagagem em São Vicente, manda quatro homens para o fundo da mata, os quaes devassam mais de cem léguas. Em Cananéa, sob o commando de Pero Lobo, envia 80 portuguezes a transpor as muralhas da Serra do Mar, em procura de prata.

Duarte Coelho desvenda a floresta pernambucana, até quasi as nascentes do Capiberibe e do Ipojuca.

No primeiro seculo do descobrimento já estava desvendado o Tieté, no seculo seguinte alcançava-se o S. Francisco por Jacobina, e, pelo rio Pajeú, entrava-se no amago dos sertões pernambucanos até o Piauí.

Em 1638, Pedro Teixeira, partindo do Maranhão, commette aquelle episodio de arroj, que enche de assombro o segundo seculo da vida brasileira: — sóbe o Amazonas em todo o seu curso, entra pelo Napo e vae

ter a Quito, no Perú, conquistando terras para el-rei de Portugal, numa época em que a sua pátria era da Espanha.

Em todos os periodos da historia americana, domina, nos portuguezes, o espirito da expansão. Mesmo no primeiro seculo, em que as actividades se voltam todas para a linha do littoral, eil-os a perder-se no planalto brasileiro, á procura dos sertões remotos.

Com o hollandez observa-se justamente o contrario. Encontrando já a linha da costa perfeitamente explorada, não dá um passo além da costa.

O sertão aterra-o; tem o pavor da floresta espessa e inculta. A sua acção restringe-se á beira das praias. O sertão é o desconhecido, é a vida asperrima e selvagem. Não ha nada que explorar, ou melhor, nada a render no sertão.

A famigerada companhia só quer lucros e é no littoral que estão os engenhos e as lavouras, para sugar.

Nunca o pé hollandez pisou no planalto brasileiro. Um drama da grandeza e do desasombro das *Bandeiras* não seria possivel com o povo flamengo. Até mesmo uma via natural, com o Amazonas, não attraui o seu arroj. Apesar de ter conquistado o Maranhão, o hollandez não foi além das boccas do Xingú, que ficam quasi ás portas do rio-mar.

Tudo isto leva a esta consideração importantissima para nós, brasileiros. Se o Brasil tivesse ficado nas mãos neerlandezas, não seria este immenso paiz que vae dos contrafortes de Parima aos affluentes do Prata e que se estende, pelo oeste, até ás faldas da cordinheira andina.

O flamengo não fôra feito para o sertão, e talvez nunca transpuzesse as elevações da Serra do Mar.

Se os holandeses tivessem dominado o Brasil, o Brasil seria hoje uma faixa de terra estreita como o Chile. Fatalmente os espanhoes do poente teriam avançado além das nossas fronteiras actuaes.

E essa obra de grandeza do territorio nacional, demol-a inteira á resistencia e aos assomos expansionistas do povo luso.

Não se satisfez com o longo perfil da costa, afundou e desbravou os sertões inhospitos.

Com que intenção, a da fortuna? Não se tem o direito de perguntar. Nunca houve povo que colonizasse pela intenção angelica de fazer nacionalidades. As suas qualidades colonizadoras é que formam povos.

E, quando o portuguez nenhuma outra virtude tivesse, teve essa de dar-nos um territorio formidavel e de fazer-nos uma nação.

Dar-nos-ia isso a Hollanda? Até hoje não o deu a nenhuma das suas colonias.

O BOI DO MELCHIOR

O boi do Melchior Alvares foi, naquelles primeiros tempos do governo de Nassau, um dos seres mais celebres de Pernambuco.

Não houve, no mundo, um boi mais manso, mais docil, mais vagabundo e mais garoto. Por onde o dono andava, andava elle tambem. Se o Melchior entrava em uma casa, lá ficava o boi á porta, á espera, como um cachorrinho.

As crianças amavam-no, as moças davam-lhe guloseimas á janella. Um mimo! Se alguém lhe pronunciava o nome, lá ia o bicho, muito contente, a seguir quem lhe fazia agradados.

O boi do Melchior devia ter nascido boi por engano. Havia na sua maneira de ser os traços característicos de um legitimo rafeiro.

E foi realmente um escandalo, no Recife e na cidade Mauricia, quando a noticia rebentou. Annunciava-se que, na noite de inauguração da ponte que Nassau concluiu, para ligar Mauricia ao Recife, haveria um numero do programma absolutamente sensacional — o boi do Mel-